



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

1307. No pórtico de um novo ano, na hora em que se renovam e revigoram as esperanças, quero conversar com o povo brasileiro de coração aberto, falar-lhe diretamente, sem recorrer a artifícios; quero examinar com os meus patrícios alguns dos principais acontecimentos que se verificaram nestes dias vividos durante o difícil, o delicado e perigoso, mas fecundo ano de 1956.
1308. Nesta hora, tenho a sensação de que vou proceder à colheita do que foi plantado e cultivado durante êstes trezentos e sessenta e cinco dias que acabam de se tornar, mágicamente, de vida presente, que o eram há poucos minutos, em tecido da história, em passado. No espaço de alguns minutos, êste ano de 1956 deixou de ser substância palpitante e passou a ser matéria de meditação, de balanço, de aferição, de cálculo.
1309. Creio que, objetivamente, o mais belo fruto de 1956 foi a diminuição dos ódios políticos que ameaçavam transformar o Brasil numa grande fogueira. O incêndio, Deus louvado, já foi extinto. Não é possível esconder que ainda resistem e continuam vivos os ódios de alguns brasileiros, mas como estão longe os dias ameaçadores dos primeiros meses de 1956, e como foi palmilhado o caminho da pacificação: a luta pelo desarmamento dos espíritos foi conduzida — perdoe-me Deus proclamar êsse esforço, com o perigo de incorrer no pecado do orgulho — com paciência, prudência e moderação só explicáveis pelo auxílio da Providência.
1310. Não me acusa a consciência ter um só momento excitado, provocado, aumentado a tensão reinante, ofendido as sensibilidades feridas. Soube o governo que saiu vitorioso das urnas de 1955 não distinguir os

brasileiros uns dos outros, não governar para alguns em detrimento de muitos, mas portar-se com o sentimento de justiça, que é mais forte do que tôda a habilidade, do que a esperteza, do que tudo o que se convencionou denominar maquiavelismo.

As armas da paz são as armas da justiça, da equanimidade, da correção, da boa vontade — e elas foram empregadas incessantemente, desde que assumi a Presidência da República até o dia de hoje, na intenção de desviar o Brasil de ciladas terríveis, de desordens de conseqüências imprevisíveis, do atraso, de ameaças à unidade nacional, e da própria guerra civil.

1311

Para têmos noção da situação presente e do território que conquistamos no plano do entendimento e da concórdia, somos forçados a voltar os olhos para as agitações de ontem, para as horas atribuladas em que mesmo as Fôrças Armadas, instituídas pela nação para a missão sagrada de manter a ordem e a unidade pátria, destinadas à segurança externa e interna, pareciam participar do profundo desajustamento que dominava o país. Pregava-se o arbítrio, o desrespeito à lei; desdenhava-se a própria lei moral, procurava-se fazer política estraçalhando a honra alheia, queria-se apresentar o Brasil como um país de corrupção, irrecuperável moral e materialmente. Fatos lamentáveis, alguns verdadeiros, outros deturpados e deformados pelo exagêro, eram servidos ao público como característicos de nosso país, que é terra habitada por um povo de primeira qualidade, paciente, honesto, que prefere praticar as virtudes normalmente, sem alarde, a exhibi-las e apresentá-las em praça pública como o faziam os fariseus, êsses sepulcros caiados de branco, que lograram realmente grande vitória no passado, levando o Cordeiro de Deus aos extremos de uma indignação ainda mais violenta do que a provocada pelos vendilhões do templo.

1312

Não houve nenhum triunfo pessoal ou de grupo político no fato de ter-se, entre perigos e sobressaltos,

1313

saído bem êste país, finalmente, e de estar tudo em paz. Não há motivo para vanglória de ninguém o terem vencido a ordem e a lei, em terem predominado, depois de muitas lutas, a razão, o critério, a civilização. A vitória, que é das maiores e incontestáveis, da lei contra os que a queriam violar; a vitória da ordem contra os que pretenderam subvertê-la; a vitória da justiça contra os que ousaram pensar em feri-la, essa luminosa vitória pertence ao Brasil.

1314 Quem não admitiu que passássemos diante da opinião do mundo e diante de nosso próprio julgamento como terra de pronunciamentos e de golpes de Estado, em que a lei não é obedecida senão quando isso convém, quem firmou o princípio de que a democracia no Brasil não é um brinquedo, uma frágil aparência que os apetites políticos desfazem de uma hora para outra, ao sabor de caprichos ou sofismas, quem disse que a lei é feita para ser obedecida, que as regras do jogo democrático devem ser respeitadas, quem impôs a sua vontade serena e austera foi esta nação, pelos seus homens responsáveis, civis e militares; entre êstes, para honra da nossa vida pública, se encontravam muitos adversários das candidaturas vitoriosas.

1315 Podemos olhar mais tranqüilos êste ano que se afasta, e considerá-lo como o ano da consolidação definitiva da democracia em nosso país. Ninguém ousará mais discutir, de agora em diante, a maturidade do nosso povo para o exercício do voto; ninguém discutirá os direitos dos partidos de apresentarem os nomes que lhes parecerem mais convenientes, entre os seus filiados, para disputarem os postos do govêrno e da administração. A democracia não é fruto da improvisação: ela deve forçosamente ser construída com paciência, tem de apurar-se e depurar-se, necessita passar por um longo processo para conquistar a perfeição.

1316 Posso, olhando serenamente o ano que findou, anunciar a vitória da democracia brasileira e a conso-

lidação do regime. Graças a Deus pisamos hoje terra firme. É uma felicidade dizer isso para o povo, que conquistou, com a estabilidade do regime, a garantia de sua segurança e de sua liberdade.

Mas não é só de liberdade que vive uma nação, ou antes, não há liberdade que não se veja constantemente ameaçada, quando os problemas passam a exigir soluções urgentes, a reclamar providências imediatas. O Brasil tem um problema, na verdade um só problema angustioso, fundamental, que se fraciona em pequenos e grandes problemas, incessantes e continuados, desafiando a capacidade de decidir e realizar dos dirigentes e de todo o seu povo. O problema do Brasil é o de crescimento súbito, o da rapidez com que, depois de ter hibernado durante longos períodos, começou a mover-se, a atuar, a pressionar tudo, para poder expandir-se.

1317

Nestes últimos trinta anos, como se transformou o nosso país, como se abriram os horizontes, como aumentaram também os sofrimentos, o mal-estar do povo, muito embora se tenha elevado o nível de vida! Tudo passou a ser difícil. As populações das grandes cidades passaram a sofrer tormentos cotidianos cuja enumeração já se tornou monótona. A vida, antes pacata, lenta, quase arrastada, transmutou-se em luta, por vezes e em certos aspectos, feroz. Os transportes insuficientes e dramaticamente penosos para os humildes, as avenidas e ruas não comportando a afluência de tráfego; em qualquer lugar que se vá, até mesmo nos templos, sofre o povo a penitência das filas. As donas de casa, essas heroínas dos dias que correm, passaram a sofrer e lutar como jamais aconteceu. A vida se tornou tão embaraçosa, que colocar um filho no colégio é uma graça, uma vitória exemplar, dada a afluência que aumenta todos os anos.

1318

Esse acréscimo metropolitano correspondeu a um crescimento geral do país. As repercussões no interior tomaram aspectos os mais numerosos e surpreendentes.

1319

O fenômeno do crescimento tumultuou, avassalou tudo, influiu no custo de vida, na economia, no câmbio, nas finanças, na vida nacional.

1320 Em matéria de economia, se não quisermos fugir à realidade, temos de confessar que enfrentamos o paradoxo de vivermos uma hora de inflação e de sermos ao mesmo tempo obrigados a reconhecer que o meio circulante é insuficiente para país que caminha tão depressa.

1321 O surto industrial, que estabeleceu as bases da nossa independência e autonomia em relação aos outros países, criou casos difíceis e pesou de maneira decisiva no câmbio, obrigando-nos a importações maciças.

1322 Não posso alongar-me na análise do fenômeno do nosso crescimento, crescimento em todos os sentidos, sobretudo o demográfico, que é calculado em bem mais de um milhão de habitantes por ano, acarretando uma tensão da vida nacional. Não estávamos realmente preparados para a surpresa desse crescimento. Não possuíamos estradas nem ferrovias, nem potencial elétrico, nem preparação de nenhuma espécie, nem equipamento agrícola, nem silos e armazéns; não tínhamos também uma mentalidade, um preparo técnico para os ritmos acelerados de nossa expansão. Daí as inquietações políticas, o desespero de pessoas que não puderam entender as mudanças por que passávamos e comportar-se em consequência desse desenvolvimento; não souberam ou não puderam esses brasileiros compreender que o caminho era continuar sempre, pois nenhum país pode voltar atrás, e o tempo é irrecorrível, que o sossêgo e a estagnação de outros tempos passaram, que o Brasil deve seguir o seu destino de grande nação, mesmo que tenha de sofrer horas de agonia. É preciso compreender que, de um momento para outro, passamos da sombra para o sol. Apesar de tudo, das queixas justas, reagimos e enfrentamos vitoriosamente o mar alto com uma embarcação que fôra construída

para bordejar a costa. Manda a justiça afirmar que, do ponto de vista material, vamos-nos adaptando e vencendo a crise. Pouco a pouco a mentalidade nacional passará a habituar-se à idéia da autêntica e verdadeira grandeza do Brasil.

Quero abordar agora, meus patricios, o problema da mudança da capital para Brasília. Conheço as críticas aos trabalhos que vêm sendo feitos pelo meu governo para transformar em realidade a determinação da Constituição de transferir a Capital para o interior do país. Não sou o inventor de Brasília, mas no meu espírito se arraigou a convicção de que chegou a hora, obedecendo ao que manda a nossa lei magna, de praticarmos um ato renovador, um ato político, criador, um ato que, impulsionado pelo crescimento nacional a que acabo de me referir, virá promover a fundação de uma nova era para a nossa pátria.

1323

Somos geográficamente um dos maiores países dêste planêta, onde vive um povo em condições de apêrto. Em tôrno de nós, a vastidão, os descampados, o país por conquistar, sítios admiráveis e no entanto nos agrupamos à beira do mar, espiando as fases das marés. Constitui um refrão monótono dizermos que necessitamos ocupar o nosso país, possuir a terra, marchar para o Oeste, voltar as costas ao mar, e não permanecer eternamente com o olhar fixo nas águas como se pensássemos em partir, em voltar. Do Brasil nenhum de nós partirá jamais, porque esta é a nossa nação e pátria.

1324

A fundação de Brasília é um ato político cujo alcance não pode ser ignorado por ninguém. É a marcha para o interior em sua plenitude. É a completa consumação da posse da terra. Vamos erguer no coração do nosso país um poderoso centro de irradiação de vida e de progresso. Sei e medi tôdas as conseqüências dessa mudança da Capital. Não desconheço que acrescentei esforços e canseiras maiores

1325

aos duros trabalhos que pesam sobre os ombros do governo. Mas era preciso dar o passo decisivo. E o passo decisivo foi dado. Não se iluda ninguém: a Constituição será cumprida em benefício de todos, do país e dêste Rio de Janeiro, que nada sofrerá com a mudança, ao contrário, porque não é por ser Capital da República que se expandiu esta cidade, hoje com raízes tão profundas, e que continuará cada vez mais forte e mais bela.

1326 Não vos falei do crescimento nacional para vos apresentar o fenômeno como desculpa ou explicação do que não foi providenciado ou feito. Posso conversar convosco sem receio, nesta hora inaugural do Ano Novo. Não realizei prodígios, nem passos de mágica, não fiz milagres, mas trabalhei sem alarde, com encarniçado esforço, prevendo e provendo a tudo quanto me permitiram as minhas forças e os recursos limitados de que dispus.

1327 Não se deixou imobilizar o meu governo diante da pletora de problemas. Está longe de poder apresentar-se perante a opinião pública a atual administração, que conta com menos de um ano, como tendo cuidado de tudo; não, ainda estamos longe do remate de males, do fim das horas duras. Mas alguma coisa de sério foi feito. No terreno econômico, o ritmo inflacionário foi, senão detido, pelo menos diminuído na sua perigosa velocidade. Se continuássemos no mesmo diapasão emissário, já estaríamos, apesar de tôdas as repressões e apelos ao bom senso, com o país convulsionado.

1328 Não se limitou o governo a deixar de emitir na proporção dos últimos anos, mas procedeu a economias importantes, não realizando obras de caráter adiável, cortando despesas, sem que êsses cortes significassem prejuízo para os serviços mais importantes.

1329 Combateu o meu governo, com firmeza, o empirismo que atacara a administração pública de forma

calamitosa. Esse empreguismo não data de hoje, é coisa velha, mas passara ultimamente a apresentar aspecto de massacre do país. Todos pagam impostos para que alguns possam viver com segurança, em detrimento dos próprios serviços públicos essenciais. O Prefeito Negrão de Lima não se tem cansado de proclamar que o Distrito Federal despende, com o funcionalismo, pelo menos 90 % de sua arrecadação. O que isso significa é não só deplorável, no seu aspecto geral, pelos prejuízos que traz às obras e benefícios devidos ao povo, como pela revelação de um estado de espírito que renega o livre empreendimento, a luta a céu aberto, o trabalho pioneiro. Os índices de empreguismo em nosso país surpreendem os observadores estrangeiros e constituem mesmo matéria de comentários, em que se manifesta estranheza pelo excesso, pela inflação de cargos, muitos dos quais não correspondem a nenhuma espécie de utilidade.

Tratei dêsse assunto com firmeza e decisão. Contrariei muitos pedidos, alguns insistentes, para que não continuasse tudo no mesmo ritmo já clássico de fazer favor e dar amparo às custas de um tesouro já mais do que onerado. Posso, graças a uma resistência firme e uma política de comedimento, de senso comum, informar que se encontram vagos vinte e três mil cargos e funções, dentre os cento e sessenta e seis mil novecentos e trinta e quatro existentes nas autarquias, com base no levantamento realizado pelo Dasp. O governo dispõe nas repartições federais, inclusive as referidas autarquias, de noventa e cinco mil lugares para nomeações. O não preenchimento dêsses cargos proporcionará uma economia anual de sete bilhões de cruzeiros, aproximadamente, além do desafôgo e da melhoria de produtividade nas repartições federais públicas.

1330

Essa gente que aspira a continuar superlotando as repartições públicas devia encaminhar-se para a inicia-

1331

tiva privada, para as atividades reprodutivas, como acontece em toda parte. Por que o Estado há de sacrificar a coletividade de forma tão injusta, transformando-se numa espécie de companhia seguradora do bem-estar de cidadãos que não querem correr nenhum risco, senão o de viver? Os funcionários públicos indispensáveis, cobertos de serviços ao país, serão beneficiados com essa política de não onerar mais a despesa pública com verbas desmesuradas que se destinam ao pagamento de pessoal. Já disse que não quero determe em números. A hora não comporta pormenores, mas posso informar que o plano de desenvolvimento também foi bem trabalhado. Quando assumi o governo, encontrei um potencial de três milhões de kW, no que se refere à produção de energia elétrica. Vamos inaugurar, durante o presente período presidencial, mais dois milhões e quinhentos mil kW, que perfazem uma soma superior ao quanto prometi, durante a campanha, dotar o país de cinco milhões de kW. Com outras obras que serão inauguradas logo após o término do mandato que recebi do povo brasileiro, o potencial energético do país será aumentado para sete milhões e quinhentos mil kW, o que atenderá às necessidades de nosso desenvolvimento.

1332 Quanto ao setor dos transportes, que faz parte fundamental do meu programa de governo, posso adiantar que, com a lei recentemente aprovada pelo Congresso, se acham assegurados os recursos de que necessitamos para a pavimentação de nossas estradas. O Brasil, a maior nação do continente, não chega a possuir dois mil quilômetros de estradas pavimentadas, enquanto o México, país bem menor do que o nosso, possui vinte e cinco mil quilômetros. No fim do presente período de governo, somando as obras realizadas pela União, Estados e municípios, que serão dotados de meios para execução de um programa de construção de estradas, em virtude dessa lei de iniciativa governamental, contaremos com onze a doze mil quilômetros

de estradas pavimentadas e com mais de dez mil quilômetros de estradas novas.

No ano de 1957 a atenção do governo se voltará, porém, de preferência, para o problema da alimentação. Tomarei parte nessa batalha pessoalmente. Não permitirei que a preguiça, a morosidade, o negativismo, a doença burocrática acarretem a fome sobre este país. Sei que não é policialmente, apenas com repressões, que se contém a alta de preços. Só produzindo, criando meios que permitam produzir, é que conseguiremos estabilizar os preços. Acertem-se da melhor maneira as finanças, façam obedecido o orçamento — o que ninguém pode deixar de reconhecer como indispensável — e não se alterará, mesmo assim, a situação do abastecimento e dos preços dos alimentos, num país em que a produtividade apresenta índices baixíssimos e os transportes são escassos ou inexistentes. Os nossos níveis de produtividade são de envergonhar, se comparados com os de outros países. É preciso preparar, adubar, irrigar as nossas glebas, mecanizar os serviços do campo e oferecer crédito eficiente e rápido ao produtor, para que o custo de produção permita preços mais baratos para os consumidores, para que se produza, enfim, em melhores condições. Além disso, necessitamos construir silos e armazéns, o que já iniciamos, a fim de que não se destruam os frutos da terra. Darei não apenas tóda a ênfase à ajuda governamental aos trabalhos agrícolas, mas auxílio às indústrias de alimentação. Sem tais providências, não vejo como sair da situação em que nos encontramos.

Não tenho problema maior do que a alimentação do povo, problema que se encontra ligado ao transporte e a muitos outros. Não farei promessas, passarei à ação desde já, com vontade e energia. Protegendo Deus os trabalhos que vão ser iniciados *incontinenti*, poderei anunciar resultados mais positivos ao povo, no próximo ano.

1335 Ao finalizar estas palavras, quero agradecer a todos os que me ajudaram neste ano. Ao Congresso, que colaborou com eficiência, dando-me leis indispensáveis; aos meus ministros, que me ajudaram, desempenhando, com probidade e exação, os seus encargos. Aos meus colaboradores diretos e indiretos, a todos, enfim, que contribuíram para que o governo vencesse a crise. Aos que me ajudaram, dos mais graduados aos mais humildes, aos que estiveram ao lado da causa da recuperação nacional, aos que trabalham nas fábricas, aos que mourejam nos campos, produzindo o que o povo necessita para manter-se, aos heróis anônimos que, penosamente, com o seu esforço de todo dia, fazem, a despeito de tudo, avançar o Brasil, a êsses também quero exprimir neste momento a minha comovida gratidão.

1336 Que venha o Ano Bom. Que seja um bom ano realmente. Um ano de paz, um ano de respeito à verdade e ao trabalho, um ano digno, um ano nobilitante, um ano como o Brasil merece, um ano fecundo, decente, um ano de marcha batida na direção de dias mais prósperos, mais felizes, dêsses grandes dias com que o povo sonha e a que aspira há muito, dias que o povo merece alcançar.

1337 Que Deus nos ajude neste novo ano, mas que ajudemos também Deus a ajudar-nos, tornando-nos merecedores de Suas graças, dignos de um destino de grande nação e de grande povo.